

# O tempo e aspecto em textos autobiográficos: uma perspectiva de ensino de língua materna no viés enunciativo

*Time and aspect in autobiographical texts: a perspective of teaching the mother tongue in the enunciative bias*

Lidiany Pereira dos Santos<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Piauí

Marlene Aparecida Viscardi Mantovani<sup>2</sup>  
Universidade Federal de São Carlos

♦ **RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar ocorrências linguísticas presentes em textos autobiográficos que se caracterizam por apresentar a relação enunciativa entre as categorias de tempo e aspecto, trazendo uma reflexão para o ensino do gênero em causa. Trata-se de um novo olhar para se ensinar essas categorias em sala de aula, as quais são fundamentais na tessitura da autobiografia. Este trabalho situa-se na articulação entre a linguística e o ensino de língua materna e fundamenta-se nas reflexões enunciativas, em especial, no quadro da Teoria das Operações Enunciativas e Predicativas (TOPE) proposta pelo pesquisador francês Antoine Culioli que entende a atividade de linguagem um incessante “colocar em relação”, produção e reconhecimento de formas enquanto traços de operações (de representação, de referenciação e de regulação).

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** TOPE; Autobiografia; Tempo; Aspecto.

♦ **ABSTRACT:** This article aims to analyze linguistic occurrences present in autobiographical texts that are characterized by presenting the enunciative relationship between the categories of time and aspect, bringing a reflection to the teaching of the genre in question. These categories are taught in the classroom, which are fundamental in the fabric of the autobiography. This work is located in the articulation between linguistics and the teaching of the mother tongue and is based on enunciative reflections, in particular, in the framework of the Theory of Enunciative and Predicative Operations (TOPE) proposed by the French researcher Antoine Culioli who understands the activity of language an incessant “putting in relation”, production and recognition of forms as traces of operations (of representation, referencing and regulation).

♦ **KEYWORDS:** TOPE; Autobiography; Time; Aspect.

## Introdução

Optamos pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, doravante TOPE, por abordar uma linguística da enunciação que busca a articulação entre língua e linguagem. A Teoria considera a língua como um sistema de representação da atividade

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2020). Professora Adjunta, Dedicção Exclusiva (DE) na Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Teresina, no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE).

<sup>2</sup> Doutora em Língua Portuguesa e Linguística pela Universidade Estadual Paulista (2007), com pós-doutorado pela Universidade Federal de São Carlos. Participa do Grupo de Pesquisa LEnTE –UFSCar.

de linguagem produzida por interlocutores em interação. A linguagem como atividade significativa representacional torna-se acessível somente por meio de sequências de texto, ou seja, por meio de organização de marcas, traços de operações subjacentes.

A teoria não aborda diretamente o ensino de línguas, porém evidenciamos sua importância como proposta de ensino sob a perspectiva interacional/dialógica. O programa tem como fundamento primeiro observar o processo gerador da atividade de linguagem desenvolvida por sujeitos em interação e nesse processo dialógico realizam-se as operações de representação mental, a referenciação e a regulação.

A representação mental (construção da noção, experiências do sujeito), de ordem psicológica, se constrói por fatores físico-culturais e mentais. Esse processo se reflete na linguagem e se caracteriza por construir as noções (linguísticas e extralinguísticas) que adquirem forma quando entra em relação com outras noções. Ela se realiza pela afirmação de uma série de propriedades e a negação de outras. Esse lugar de indistinção é chamado de centro organizador e compõe-se pelo que se denomina domínio nocional.

Os processos referenciais (materialidade linguística, o texto, o enunciado), de ordem sociológica, consistem nas operações de localização das noções em um dado tempo e espaço. A construção dessas operações é mediada pelo sujeito e ocorre quando esse sujeito apropria-se de um objeto, relaciona-o com outros objetos situando-os em um tempo e espaço. O requisito para a referência se baseia em um complexo sistema coordenado intersubjetivo de um espaço referencial e de objetos linguísticos localizáveis.

A regulação define-se por ser a relação enunciativa instaurada entre os sujeitos enunciadore e as operações de representação mental e referenciação. Para Culioli (1990), essa operação é central na atividade de linguagem, pois os sujeitos realizam os ajustes no desenvolvimento da atividade de linguagem e eles são mediados pelos fatores psicossociológicos.

Segundo a teoria de Culioli (1990), a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, ao construir um sistema de representações metalinguísticas manipuláveis e operacionais permite que haja o estabelecimento de uma correspondência entre as configurações linguísticas que são concebidas como agenciamentos de marcadores no texto oral e/ou escrito e as operações abstratas. Com isso, proporciona o deslocamento do olhar do analista que deixa de observar/analisar a língua pela língua como produto final e apresenta um outro modo de análise que se interessa pela atividade linguística-cognitiva do sujeito por meio das operações (de representação, de referenciação e de regulação), proporcionando ao educando uma atitude reflexiva.

Para Culioli (1990), a atividade epilinguística é um trabalho invisível em busca de significação, uma atividade metalinguística não consciente. Rezende diz:

[...] trazer a atividade epilinguística para a sala de aula é extremamente importante, e a escola passa a ter o seu papel que é ensinar o aluno a pensar o seu pensar, atividade esta que traz em seu bojo processos simultâneos de centralização (identidade e autoconhecimento) e descentralização (alteridade e autoconhecimento). Esta última atividade, com certeza, o ambiente natural não faz. A atividade epilinguística, por meio de mecanismos de parafra e desambiguação, permite que textos sejam transformados em busca de uma adequação precisa a um cenário psicossociológico. (REZENDE, 2008, p. 96-97)

Concordamos com Rezende (2008) quando ela fala que trazer a atividade epilinguística para a sala de aula é extremamente importante, pois ela é regulada por meio de operações abstratas que permitem ao sujeito (educando) a organização de suas experiências e de sua percepção de realidade. Essa atividade possui três níveis: 1) de

ordem afetiva e cognitiva, ligado às representações mentais do objeto, do mundo e da cultura; 2) do arranjo de marcadores (regras de boa formação dos enunciados) e, por último 3) da atividade metalinguística, mas uma metalinguagem inconsciente que envolve a reflexão do sujeito sobre sua experiência com uma ou mais línguas.

Ainda, segundo Rezende (2008), a atividade epilinguística é um esforço mental para atingir o equilíbrio entre o eu e o outro, faz parte do domínio linguístico-cognitivo, porém é fundamentada pela instanciação dialógica.

Pautamo-nos nas produções textuais dos alunos realizadas na produção- interpretação do gênero autobiografia para explicar como se dá o encadeamento, ou seja, a sequência representação, referenciação e regulação da atividade de linguagem para configurar o texto autobiográfico.

Ao analisar algumas ocorrências linguísticas, sob os pressupostos da TOPE, em relação ao tempo e ao aspecto presentes em dois textos autobiográficos, a intenção é mostrar que o ensino de produção textual tal qual tem sido praticado, seguindo um modelo textual estabelecido, pode tornar-se ineficaz, principalmente quando não proporciona ao educando refletir sobre o encadeamento dos elementos lexicais e as categorias gramaticais para configurar o texto e sua produção de sentido. Portanto, não cabe dizer se o texto A ou B está certo ou errado, mas evidenciar como a TOPE contribui para ampliar a compreensão não prevista pelas gramáticas e proporciona ao educando o seu desenvolvimento linguístico-cognitivo.

Para atingir tal objetivo, o artigo contará com cinco seções. Na primeira, apresentaremos no tópico *A atividade de linguagem para Culioli* como a teoria aborda a questão de linguagem; na segunda *O Tempo e o aspecto no viés da TOPE*; na terceira seção faremos a *Descrição do corpus*; na seção seguinte as *Análises* para explicar como os educandos utilizaram as categorias de tempo e de aspecto na produção textual, uma vez que o gênero em causa pede pelo seu uso. E, como conclusão, nas *Considerações finais*, apresentaremos elementos que demonstram a relação de validação quanto ao encadeamento dos elementos lexicais e as categorias gramaticais para configurar a produção textual proposta.

## **A atividade de linguagem para Culioli**

Antoine Culioli (1990), teórico francês, estruturou a *Teoria das Operações Enunciativas e Predicativas (TOPE)*, suas ideias vão ao encontro da Abordagem Construtivista, a qual vê a linguagem como uma forma do pensamento que proporciona ao educando refletir sobre a língua e utilizar sua criatividade. Todo pensamento não se reduz à linguagem de palavras, pois se pode dizer alguma coisa do mundo através de gestos, pinturas, códigos, danças, etc.

Assim, Culioli (1999) vê a linguagem como uma atividade significativa representacional e é acessível somente por meio de sequências de texto, ou seja, por meio de organização de marcas e que são elas mesmas traços de operações subjacentes. O objetivo é encontrar as invariâncias que fundamentam e regulam a atividade de linguagem. A linguagem é vista como uma atividade que é, ao mesmo tempo, estável e deformável que se cristalizam (os sentidos) no momento da enunciação, a atividade linguística só é possível devido à estabilidade da linguagem, formando sistemas dinâmicos que são regulares, mas com variação devido a fatores de grande diversidade e, ao mesmo tempo, estáveis.

Para Culioli (1990), os sistemas variam de língua para língua e os discursos de locutor para locutor, porque ele toma como objeto de análise os enunciados em uma

língua, isto é, o enunciado em sua materialidade formal. Dessa maneira, ele busca analisar os valores interpretativos que esses enunciados constroem e procura entender o porquê de o enunciado ter a forma que tem. Segundo ele:

[...] o objetivo não é construir uma gramática universal, mas reconstruir, por um processo teórico e formal, as noções primitivas, operações elementares, regras e esquemas que generalizam categorias gramaticais e padrões específicos de cada língua. Em resumo, o objetivo é encontrar variantes que fundem e regulem a atividade de linguagem, em toda sua riqueza e complexidade. (CULIOLI, 1990, p. 179)

Como explica Lima (2013) nossa reflexão estará pautada na *noção de língua* enquanto sistema relacional composto de signos linguísticos, cuja arbitrariedade lhe é constitutiva e a *linguagem* é entendida como a capacidade intrinsecamente humana que nos concede um potencial enunciativo, por meio do qual somos capazes de simbolizar e significar o mundo.

Segundo a teoria culioliana, noção pode ser compreendida como um conjunto de propriedades que dependem de suas combinações (determinadas por fatores físico-psico-culturais) para formar categorias como objetos ou fenômenos do mundo. A noção se apresenta “aberta” em “potencial” e tomará forma no processo de predicação desenvolvido pelos sujeitos. Já o domínio nocional é a amplitude desses traços em que a construção de sentidos se dá na relação entre noções, não cristalizadas.

A TOPE é uma teoria de enunciação, cujo objeto é o próprio enunciado. O enunciado é entendido como uma organização de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos que o constituem podem ser avaliados no quadro de um sistema de representação formalizável, considerado um encadeamento de operações do qual ele é a marca. Portanto, pode-se dizer que o enunciado é uma sequência que se torna interpretável pela estabilização de um ou outro de seus contextos possíveis, sendo esses contextos engendráveis a partir da própria sequência.

Como diz Franckel:

O sentido das formas não é definido por aquilo a que elas remetem, em um mundo (ou uma representação do mundo) externo à língua; a significação de um termo não poderia se confundir com sua referência: ela só se constitui de uma dinâmica da construção estabelecida nos enunciados e pelos enunciados. (FRANCKEL, 2011, p. 43)

Escolhemos a TOPE por considerar a língua como um sistema de representação da atividade de linguagem produzida por interlocutores em interação. Nesse processo dialógico realizam-se as operações de representação mental (construção da noção, experiências do sujeito), a referenciação (materialidade linguística, o texto, o enunciado) e a regulação (o próprio diálogo para produzir, fazer os ajustes).

A Teoria se interessa pela atividade linguística-cognitiva do sujeito por meio dessas operações e, portanto, visa despertar no aluno a atitude reflexiva. Centrada no sujeito, o esforço de regulação se dá por meio da atividade de linguagem, que é dinâmica, portanto pode variar de acordo com o tempo, o espaço, o sujeito e os eventos implicados na enunciação.

Segundo a TOPE, construir um sistema de representações metalinguísticas manipuláveis e operacionais possibilita o estabelecimento de uma correspondência entre as configurações linguísticas, concebidas como agenciamentos de marcadores no texto oral e/ou escrito, e as operações abstratas.

Ao instanciar-se como sujeito enunciador pela e na enunciação determina-se valores temporais-espaciais, possibilitando a construção de um sistema de referência que é considerado como um localizador das estruturas abstratas que o sujeito enunciador constrói pela e na enunciação, sendo consequência e condição de toda a enunciação.

### **Tempo e aspecto no viés da TOPE**

Nas Gramáticas Normativas, a categoria Tempo é abordada no assunto Verbo, pois na sua grande maioria, associam Verbo ao Tempo e, somente em algumas, encontramos uma explicação em relação ao Aspecto. Por isso, Tempo, segundo a Gramática Tradicional, possui três tempos naturais que são o Presente, o Pretérito (ou Passado) e o Futuro, os quais designam, respectivamente, a fatos ocorridos no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala. Em relação ao Aspecto, como refere-se à ação expressa pelo verbo, poderá ser concluída ou não, ou seja, observar-se-á a ação no seu término, no seu resultado ou na sua duração e repetição.

Benveniste ([1976], 2005) esclarece a diferença em situar um acontecimento no tempo cronológico e inseri-lo no tempo da língua. Segundo ele, o tempo físico é marcado pelo tempo dos acontecimentos, enquanto que o tempo linguístico marca as relações de sucessividade entre os eventos representados no texto mostrando as relações anteriores, as concomitantes e as posteriores. Para a Teoria da Enunciação, tempo é uma categoria dêitica, pois indica o momento da enunciação e aspecto é uma categoria não-dêitica, pois o evento é apresentado em si mesmo, sem envolver participantes e tampouco a referência ao evento de fala.

Na tradição europeia, 'categoria' em 'categoria gramatical' é usada para se referir a categorias amplas em atividade de linguagem: aspectualidade, modalidade, número, determinação etc.

Para a TOPE, a linguagem é considerada como um trabalho linguístico e subjetivo porque envolve sujeitos que por meio de suas percepções elaboram a realidade e realizam operações que constroem significados com a língua numa dada situação (espaço) e num dado momento (tempo). O que interessa para a teoria é o funcionamento da atividade de linguagem, o modo particular de organização e agenciamento de formas, concepção que compreende a variação como um processo inerente à língua.

As operações que se apresentam na relação enunciativa sustentam a relação predicativa na situação de enunciação, assim os enunciados se constituem, isto é, a sua significação. Para Culioli (1999), a enunciação é um ato de construção realizado por um enunciador, numa dada situação, que envolve a intenção do coenunciador.

Assim, os domínios nocionais se organizam, e são oferecidos valores referenciais em que o pré-enunciado passa a enunciado por meio de operações de determinação de aplicação das categorias de tempo, de aspecto e de modalidades.

Os domínios nocionais são organizados de acordo com as experiências físicas, culturais do mundo, variando segundo as experiências, pois cada sujeito tem o seu domínio nocional.

Segundo a Teoria, “enunciar é construir um espaço, orientar, determinar, estabelecer uma rede de valores referenciais, em resumo, um sistema de determinação” (CULIOLI, 1999, p. 44). Todo enunciado é localizado em relação a uma situação de enunciação que é definida em relação a um sujeito enunciador e a um tempo de enunciação.

Culioli (1999), diz que a tradicional separação entre léxico e gramática interfere no entendimento da Categoria Gramatical Tempo porque podemos não ter distinção de tempo no sistema verbal, mas pode-se ter uma oposição do tipo antes/agora/depois, ou ontem/agora/amanhã e que possuirá um papel complementar cada vez que for necessário marcar a distinção. O autor explica que a experiência dentro da teoria mostra que essa separação gramática-léxico não se constrói de maneira independente, pois a temporalidade vai ser fundada sobre a classe ordenada de instantes, sobre a construção de localizadores e sobre a construção de intervalos localizados sobre a classe dos instantes.

Em Culioli (1990) compreende-se que a especificidade do tempo linguístico é construída na e pela língua e por um enunciador, que a partir de uma situação-origem, constrói acontecimentos linguísticos localizados em relação a essa situação-origem, portanto, a função dos marcadores temporais é estruturar a classe dos instantes. O autor não separa tempo de aspecto porque a classe de instantes é definida na ordem aspectual e temporal. Vejamos:

A aspectualidade em particular a distinção estado/transição vai permitir organizar a profusão de eventos, desenvolvendo a apreensão de estabilidades permanentes ou precárias, a representação dos eventos como visados ou fortuitos, realizados ou fracassados, simplesmente mencionados ou avaliados de um ponto de vista qualitativo. A temporalidade não é uma simples combinação de categorias de modalidade e aspectualidade; ela tem sua especificidade, mas, é necessário repetir, ela não poderia ser construída de maneira independente. (CULIOLI, 1999, p.173)

Segundo Culioli (1999), de um lado, o linguista será levado a afirmar a relação de equivalência entre as línguas, onde equivalência não deve ser interpretada como “intercambiável” ou “substituível”, pois há sempre modulação, transposições necessárias e aproximações mais ou menos mutilantes. Por outro lado, o linguista como enunciador, será conduzido a reconhecer que existe uma singularidade de cada sistema, passamos de uma língua a outra quando efetuamos um trabalho de reflexão sobre essas transferências e equivalências.

Tratando-se de tempo, temos uma multiplicidade de categorizações possíveis, pois alguns sistemas de representação serão essencialmente aspectuais, outros “aparentemente” serão temporais. Cabe ressaltar que não existe um sistema de representação estritamente temporal porque as categorias linguísticas são construídas em rede, há sempre uma categoria relacionando-se com outra(s) categoria(s), portanto, o tempo está ligado à modalidade, ao aspecto, à diátese, à determinação etc.

Na TOPE, essas categorias gramaticais são representadas por um conjunto de marcadores que constituem fenômenos a eles relacionados. Uma vez que as noções são representações, os marcadores utilizados dependerão da noção que se analisa.

Por exemplo, se analisarmos a aspectualidade, percebemos que por um lado, temos a noção relacionada às propriedades aspectuais – pontuais – semelfativas (uma vez), iterativas, contínuas. Essa representação nos faz lidar com eventos que podem levar a uma transformação ou uma estabilidade. Por outro lado, os problemas aspectuais relacionam-se à quantificação e qualificação: o iterativo.

Encontraremos problemas de aspectualidade quando definimos a relação entre modalidade e aspecto, pois as *noções* nunca são puras, no sentido de podermos falar de aspecto sem ligá-las a outros problemas. Está sempre ligado à modalidade, determinação etc.

Portanto, para Culioli (1990), ao enunciar realizamos uma atividade de linguagem e ativamos operações cognitivas que envolvem o léxico e a gramática,

portanto, o autor recusa a existência da divisão entre ambos porque operamos com a relação léxico-gramatical para construirmos os enunciados. Dessa forma, a teoria culioliana justifica que temos o Tempo linguístico, o qual vai ser fundado mediante a uma classe ordenada de instantes, de localizadores e de intervalos de instantes e que, por isso, a temporalidade como categoria pura não existe.

A aspectualização caracteriza-se por marcar a relação espaço-temporal sobre o qual se instaura a enunciação. O tempo diz respeito à relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade entre a enunciação e o acontecimento ao qual o enunciado se refere, então o aspecto retoma essa relação temporal estabelecendo-a quanto à categoria de intervalo espaço-temporal. Ainda segundo o autor, para abordar o aspecto é preciso, preliminarmente, considerar dois espaços topológicos, que são, o espaço derivado da noção (traço semântico característico da noção) e o espaço derivado do domínio nocional (constrói-se sobre as classes dos instantes a partir das quais constituem-se as marcas de continuidade e descontinuidade, perfectividade, interatividade, incoatividade, etc).

### **Descrição do *corpus***

A pesquisa foi realizada numa escola pública da rede municipal de Teresina (capital do Piauí) na região Sudeste da cidade. O gênero autobiografia constava em um quadro de gêneros textuais elaborado pela Coordenação Pedagógica de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino que contemplava o 7º. ano do Ensino Fundamental II, por isso, esse público-alvo foi escolhido para o trabalho.

A atividade proposta aos alunos solicitava a escolha e a pesquisa de um personagem famoso e, finalmente, de posse das informações, a realização da produção textual, no caso, a autobiografia.

Verificando as produções textuais autobiográficas dos alunos, observamos que muitas se distanciavam do modelo proposto pelo Livro Didático e pelos Manuais de Produção Textual, uma vez que se observava que não era a simples inversão do “Ele” (biografia) para o “Eu” (autobiografia) que configurava esse texto específico, pois o aluno produzia por meio de uma certa organização “enunciativa”, conforme as informações que ele possuía em relação à pessoa autobiografada. Então, por meio dessas nuances, surgiu o interesse em investigar, sob a ótica da TOPE, o que estaria influenciando os alunos a realizarem essa prática.

O caráter metodológico da TOPE propõe estudar a natureza da variação por meio da atividade reguladora existente em intrafalante (psicológico) e interfalante (sociológico), nomeando essa atividade reguladora de atividade epilinguística, ou seja, a capacidade metalinguística inconsciente. Portanto, a teoria culioliana defende a elaboração de um sistema de representação metalinguístico, cujo instrumento primordial é a metalinguagem.

Esse sistema de representação permite ao linguista observar propriedades pertinentes da atividade de regulação pertencente à linguagem e presente nas línguas naturais. Por meio desse sistema de representação que analisaremos o *corpus*, mostraremos nos textos dos alunos como se engendram as operações de representação, referenciação e regulação nos textos autobiográficos.

## Análises

Abordamos o Tempo e Aspecto na visão de Culioli (1990) no texto Autobiografia<sup>3</sup>, o qual a princípio parece tão simples de ser elaborado, pois já se parte de uma forma pré-estabelecida que veicularia um referido sentido temporal, mas quando o aluno está operando com os elementos linguísticos para produzir o seu texto, e por conseguinte, construir significação, esse aluno, muitas vezes, tem dificuldade para agenciar formas que construam as coordenadas temporais necessárias para a produção de um determinado gênero textual. Vejamos.

Formalização do Sit cf. Culioli (1990)

< Sit 2 (S2, T2) e Sit 1 (S1, T1) e Sit 0 (S0, T0) >

Sit: Sistema de referência temporal e espacial;

S: Sujeito

T: Tempo

(1) Eu sou Ayrton Senna nasci em 21 de março de 1960 na zona Norte de São Paulo. Eu sempre gostei de carro, em 1973 eu estava na minha primeira corrida de Kart e eu ganhei na primeira posição.

*Eu treinava* muito na chuva e no grande prêmio do Japão *eu estava liderando* a corrida e o meu carro deu problema e eu fiquei em último. Parecia tudo perdido *quando ultrapassei* carro a carro e ganhei em primeiro lugar.

[...] Os engenheiros decidiram usar o mesmo carro de 1993 um carro rápido e minha última corrida foi em 01 de maio de 1994 *quando liderava* a corrida quando na sétima volta o volante travou e eu bati no muro. Com o impacto a barra da suspensão perfurou meu capacete e eu faleci ali mesmo. *Mas hoje eu estou* muito feliz no céu com Deus.

[ Sit 1 ]: < Eu *Eu treinava* , *eu estava liderando* , *quando liderava* > *quando ultrapassei* >

[ Sit 2 ]: < Mas *hoje eu estou* muito feliz no céu com Deus >

(2) Ayrton Senna: o grande legado

Eu o grande piloto da fórmula 1, Ayrton Senna da Silva desde cedo me impressionei pelo automobilismo quando tinha 13 anos de idade participei da minha primeira corrida de kart. Se passou anos e em 1973 estreei.

Na minha primeira corrida de kart e logo na estreia ganhei a primeira vitória. Entre os anos 1974 e 1980 ganhei pelo menos oito campeonatos tanto como local, nacional e mundial.

O grande Ayrton Senna do Brasil como *dizia* Galvão Bueno *mas quando* o grande dia chegou o grande Ayrton Senna foi muito além *quando* na sétima volta ainda líder *quando* passei da curva tamburello, o meu volante não respondeu aos meus comandos. Então, minha morte no dia 01 de maio de 1994, aos 34 anos deixou um luto e uma saudade mundial. Obrigado a todos os fãs e amigos que me acompanharam nesta corrida.

---

<sup>3</sup> Esclarecemos que obtivemos a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa de nossa universidade para analisar os textos dos alunos.

[ Sit 1 ]: < como dizia Galvão Bueno >

[ Sit 2 ]: < mas quando o grande dia chegou >

[ Sit 3 ]: < quando na sétima volta ainda líder quando passei da curva >

Entendemos que a organização enunciativa, principalmente, no que se refere às marcas “quando” e aos verbos que se encontram nos tempos do pretérito perfeito e do imperfeito desempenham uma função textual importante, pois modulam o grau de relevância do acontecimento na visão do Sujeito Enunciador que é o aluno, ou seja, elas demonstram as operações de representação, referenciação e regulação que ele opera ao produzir seu texto.

Por isso, por meio da TOPE defendemos um trabalho que explore a manipulação dos mecanismos linguísticos enunciativos e discursivos que subsidiem a compreensão do aluno para a forma como se dá a construção da significação por meio as relações léxico-gramaticais que se entrelaçam para a construção de sentido na produção e/ou interpretação textual e, que, por conseguinte, promova o desenvolvimento da competência discursiva do discente, permitindo ao aluno que ele pense sobre seu pensar. Trata-se de um trabalho a ser realizado pelo educador que proporcione ao educando, por meio da atividade epilinguística, o seu desenvolvimento linguístico-cognitivo.

Dessa forma, o texto do aluno exemplifica bem o ensino instrumental da produção textual; pois, percebemos que na prática, ainda que o ensino de redação leve o aluno a reproduzir uma dada estrutura/modelo para a obtenção de um determinado gênero (no caso, a autobiografia), questões de tempo e aspecto como as que apresentamos aqui, às quais o ensino precisa responder, não encontram lugar nesta abordagem instrumental.

Nota-se na produção textual do aluno ao tentar reproduzir uma estrutura/modelo proposta pelo gênero, ocorrências interessantes como a marca “quando” que denota, simultaneamente, uma relação de tempo e aspecto, comprovando aquilo que Culioli diz que a temporalidade não pode ser construída de maneira independente.

### Considerações finais

No caso do ensino de produção de textos, a proposta aqui apresentada defende que para além do ensino de coordenadas enunciativas definidas *a priori* para a elaboração dos gêneros textuais, posicionamento normalmente adotado nas aulas de redação, é mais produtiva e eficaz uma prática que proporciona ao aluno a reflexão sobre a atividade de linguagem, ou seja, sobre o trabalho operacional linguístico-cognitivo que o sujeito-enunciador realiza no processo de tessitura dos seus textos.

Esse tipo de reflexão revela que aquilo que se projeta como caracterização típica para a produção dos gêneros, aqui em específico, a autobiografia, não é decorrente do emprego específico de uma ou outra marca linguística empregada pelo sujeito-enunciador; mas sim, pela operação complexa de representação, referenciação e regulação entre as marcas linguísticas ativadas pelo produtor do texto para a construção de sentido pretendido.

### REFERÊNCIAS

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Pontes, 2005.



CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation. Formalisation et opération de réperage.** Tome 2. Paris: Ophrys, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations.** Tome 1. Paris: Ophrys, 1990.

FRANCKEL, J. J. Referência, referenciação e valores referenciais. *In*: ROMERO, M. (org.). **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação.** Contexto, 2011. p. 31-55.

LIMA, V. S. **A prática de reformulação de enunciados como fundamento para o trabalho com a significação nas aulas de língua portuguesa.** 2013. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2013.

REZENDE, L. Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa. **Revista do GEL**, São José do Rio Preto, v.5, p. 95-108, 2008.

**Recebido em:** junho de 2022.

**Aprovado em:** julho de 2022.

**Como citar este trabalho:**

---

SANTOS, L. P. DOS; MANTOVANI, M. A. V. O tempo e aspecto em textos autobiográficos: uma perspectiva de ensino de língua materna no viés enunciativo. **Traços de Linguagem**. v. 5, n. 2, p. 141-, 2021.

---